Área: Sustentabilidade | **Tema:** Educação e Sustentabilidade

O IMPACTO DO TRABALHO SOBRE O MEIO AMBIENTE NA VIDA DOS JOVENS ATENDIDOS EM UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR EM NOVO HAMBURGO

THE IMPACT OF WORK ON THE ENVIRONMENT IN LIFE OF YOUNG PEOPLE ATTENDED IN A NON-SCHOOL EDUCATION SPACE IN NOVO HAMBURGO

Carlos Eduardo Poerschke Voltz, José Antonio Ribeiro De Moura, Viviane Cristina De Mattos Battistello,

Ana Teresinha Elicker e Rosemari Lorenz Martins

RESUMO

O objetivo da pesquisa é investigar como um trabalho sobre meio ambiente realizado em uma oficina de biologia impacta na vida dos jovens atendidos em uma Organização Não Governamental (ONG). Para atender o objetivo proposto, primeiro refletimos sobre a educação em espaços não escolares; depois discutimos os conceitos de sustentabilidade, ecologia, ecopedagogia de acordo com Paulo Freire; por fim, apresentamos a ONG pesquisada e o impacto do trabalho realizado na vida dos jovens atendidos. Os jovens demonstraram que a oficina de biologia é um momento de troca de saberes, de reflexão sobre o ambiente e de criação de alternativas para tornar a vida na terra sustentável.

Palavras-Chave: MEIO AMBIENTE. EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR. JOVENS.

ABSTRACT

The aim of the research is to investigate how work on the environment carried out in a biology workshop impacts the lives of young people treated at a non-governmental organization (NGO). To meet the proposed objective, we first reflect on education in non-school spaces; Then we discuss the concepts of sustainability, ecology, and pedagogy according to Paulo Freire; Finally, we present the researched NGO and the impact of the work done on the lives of the young people served. Young people demonstrated that the biology workshop is a time for knowledge exchange, reflection on the environment and the creation of alternatives to make life on earth sustainable.

Keywords: ENVIRONMENT. NON-SCHOOL EDUCATION. YOUNG PEOPLE.

O IMPACTO DO TRABALHO SOBRE O MEIO AMBIENTE NA VIDA DOS JOVENS ATENDIDOS EM UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO ESCOLAR EM NOVO HAMBURGO

O objetivo desta pesquisa é investigar como um trabalho sobre meio ambiente realizado em uma oficina de biologia impacta na vida dos jovens atendidos em uma Organização Não Governamental (ONG). Para atender o objetivo proposto, primeiro refletimos sobre a educação em espaços não escolares; depois discutimos os conceitos de sustentabilidade, ecologia, ecopedagogia de acordo com Paulo Freire; por fim, apresentamos a ONG pesquisada e o impacto do trabalho realizado na vida dos jovens atendidos.

A pesquisa configura-se como um estudo de caso (YIN, 2005): o caso dos jovens participantes da oficina de biologia na ONG Ação Encontro. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas na ONG Ação Encontro com oito jovens em junho de 2019. O trabalho justifica-se por apresentar as descobertas dos jovens que participaram da oficina de biologia e estimular a criação de novos projetos voltados para a sustentabilidade em espaços escolares e não escolares de educação.

A educação não escolar é um conceito criado para explicar uma realidade histórica na qual se fortalecem práticas educativas estruturadas fora dos limites da escola (SEVERO, 2015). Não pode ser confundida, contudo, com educação não formal. Esta

> se refere a processos de ensino-aprendizagem extraescolares que ocorrem no mundo da vida, na educação não escolar, não institucionalizada. Ela se diferencia da educação formal/escolar, curricular; diferencia-se também da educação informal – aquela que ocorre espontaneamente na socialização cotidiana dos indivíduos ao longo da vida (na família, nos clubes, shoppings centers, academias, e outros espaços de lazer e entretenimento; nas igrejas; e até na escola entre os grupos de amigos) (GOHN, 2013, p.21).

Educação formal, informal e não formal são expressões utilizadas para setorizar a educação, enquanto a educação não escolar serve para denominar o contexto da ação educativa. Segundo Severo (2015, p.565),

> consiste na designação de espaços, contextos ou âmbitos sociais e institucionais distintos da escola em que práticas educativas estejam sendo desenvolvidas considerando os modelos formais, não formais e informais, nos diversos níveis de inter-relações que se supõe existirem entre esses modelos.

O autor afirma que, apesar do adjetivo não escolar parecer uma negação à escola ou remeter a um outro tipo de educação, a educação não escolar se identifica com a escolar no sentido de complementariedade e suporte ao longo de toda a vida, de acordo com as necessidades dos indivíduos. Essa noção supera as divisões tradicionais de espaços e tempos para educar por meio de um paradigma dinâmico de educação,

> tida como um processo que acompanha a vida das pessoas, preparando-as para o seu exercício social, e como instrumento de potencialização de qualidades que lhes permitam maior bem-estar global. Esse paradigma se concretiza por meio de práticas educativas abertas, plurais e contextualizadas, em que a cultura e a experiência vivida pelo sujeito sejam a base para a construção de saberes e atitudes críticas e criativas (SEVERO, 2015, p.566).

Para Zucchetti e Moura (2016), as práticas de educação não escolar vêm sendo realizadas nas últimas décadas principalmente pelas Organizações Não Governamentais (ONGs) e entidades do Terceiro Setor para enfrentar o processo de exclusão/inclusão social

de jovens. Gadotti (2001, p.93) ressalta que as ONGs têm se movimentado "na busca de uma pedagogia do desenvolvimento sustentável, entendendo que, sem uma ação pedagógica efetiva, de nada adiantarão os grandes projetos estatais de despoluição e de preservação do meio ambiente".

Desenvolvimento sustentável é um termo que "deve ser compreendido no contexto da evolução das discussões relativas às contradições entre crescimento econômico e conservação da natureza" (SILVA, 2012, p. 204). A partir da década de 1960, começaram a ser pensados os limites do planeta e o esgotamento de seus recursos frente ao modelo de produção e consumo capitalista baseado no crescimento econômico infinito. Também passou a ser discutida a questão da transformação dos recursos naturais em lixo e poluição, provocando uma deterioração ambiental e o aquecimento global (SILVA, 2012).

Segundo Silva, a sustentabilidade

> diz respeito à capacidade do planeta de sustentar as sociedades humanas e seu nível de consumo de materiais e energia, e a consequente produção crescente de dejetos e poluição. Como a natureza não é um ajuntamento de recursos naturais aleatórios, e sim um conjunto integrado de unidades naturais, que chamamos de ecossistemas, tal capacidade do planeta se expressa concretamente na sustentabilidade ou insustentabilidade dos ecossistemas, pois são os seus fluxos, ciclos, elementos e recursos que são atingidos pela expansão da produção e consumo das sociedades. Como os ecossistemas são complexos, auto-organizados e autorreprodutíveis, a insustentabilidade pode ser gerada quando a intervenção humana desestrutura esse processo de complexificação, auto-organização e autorreprodução (SILVA, 2012, p.728).

Então, os estudos sobre os ecossistemas são fundamentais para que as ações humanas não os desestruturem. No Brasil, a educação ambiental foi incluída na Constituição Federal de forma explícita no Art. 225, inciso VI, a fim de "promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente" (BRASIL, 1988). Segundo o Artigo 1º, da Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental,

> entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

Gadotti (2001) afirma que a expressão "meio ambiente" é quase totalmente ignorada pela população, diferente de outras áreas como educação e saúde. "A população conhece o que é lixo, asfalto, barata... mas não entende a questão ambiental na sua significação mais ampla. Daí a necessidade de uma ecopedagogia, uma pedagogia para o desenvolvimento sustentável" (GADOTTI, 2001, p.92).

A ecopedagogia fundamenta-se em um pensamento crítico, em uma educação sustentável e ambiental que tem o propósito de formar cidadãos com consciência local e planetária. Educar para a cidadania planetária supõe

> reeducar o olhar das pessoas, isto é, desenvolver a atitude de observar e evitar a presença de agressões ao meio ambiente e aos viventes e o desperdício, a poluição sonora, visual, a poluição da água e do ar, etc. para intervir no mundo no sentido de reeducar o habitante do planeta e reverter a cultura do descartável. Experiências cotidianas aparentemente insignificantes, como uma corrente de ar, um sopro de respiração, a água da manhã na face, fundamentam as relações consigo mesmo e com o mundo. A tomada de consciência dessa realidade é profundamente formadora. O meio ambiente forma tanto quanto ele é formado ou deformado. Precisamos de

> uma ecoformação para recuperarmos a consciência dessas experiências cotidianas. Na ânsia de dominar o mundo, elas correm o risco de desaparecer do nosso campo de consciência, se a relação que nos liga a ele for apenas uma relação de uso (GADOTTI, 2001, p.125).

A ecopedagogia promove a aprendizagem a partir da problemática ambiental vivida cotidianamente pelas pessoas nos grupos e espaços de convivência (GADOTTI, 2001), tendo, por isso, Paulo Freire como um dos inspiradores da abordagem por propor uma educação que parte do cotidiano (CALLONI, 2018).

Paulo Freire construiu sua história em torno da "luta por fazer da educação uma prática da liberdade, um processo de conscientização pelo diálogo, uma ação cultural em defesa dos oprimidos, um exercício do direito ao conhecimento, por fazer da educação um processo de ser mais dos homens e das mulheres [...]" (SCOCUGLIA, 1999). Esse processo se efetiva quando o indivíduo vai para além do estar no mundo[1], transformando e se transformando, produzindo, decidindo, criando, recriando, comunicando-se, se tornando um sujeito histórico, tornando-se um ser da práxis (FREIRE, 1987).

Segundo Calloni (2018, p. 158),

> todo ser oprimido pode e deve ser mais ao perceber que as situações limites são desafios que demandam a solidariedade amorosa de seres humanos comprometidos com um ideal de vida e de mundo de insuspeita eticidade e de comprovada radicalidade na transformação sociopolítico-cultural a fim de que a autonomia do sujeito seja a verdadeira bandeira vergada pela haste da autêntica realização da humanização do humano.

Para Freire (2000, p. 31),

> urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador.

Calloni explica que, para Freire, amar o mundo "preside a nossa capacidade de nos amarmos e nos ecorresposabilizarmos pela nossa casa comum, o planeta Terra" (CALLONI, 2018, p.158). Os resultados da pesquisa apontam para a ONG Ação Encontro como um local de amorosidade e problematização de vivências dos jovens no território.

A missão da instituição é "contribuir, por meio de uma pedagogia democrática e cidadã, com o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e suas famílias, incentivando-as a construírem seus projetos de vida" (PPP, 2019, p.10). A construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) ocorreu durante o ano de 2018 por meio de uma atividade denominada "Saberes Falados". Nessa atividade, os atendidos e suas famílias relataram as demandas do território, entre as quais encontra-se o enfrentamento da situação do lixo e suas consequências no bairro (PPP, 2019).

Por meio das entrevistas foi possível perceber que os jovens atendidos na ONG exercitam a criticidade e fazem reflexões sobre suas ações com relação à preservação do meio ambiente na oficina de biologia. Alguns jovens entrevistados ressaltaram suas descobertas ao participarem dessa oficina.

---

[1] Os animais são incapazes de objetivar-se e objetivar o mundo, por isso apenas estão no mundo. Eles "vivem uma vida sem tempo, nela submersos, sem a possibilidade de emergir dela, ajustados e aderidos a seu contorno" (FREIRE, 1981, p.53).

> Participo da oficina pra não ir pro mal caminho e fazer o bem, não o mal (ENTREVISTADO 2, 15 anos);
> Com a oficina, eu descobri mais coisas, agora eu tô meio diferente, assim. Na aula de biologia, a gente tava falando sobre poluição assim, né, pode mudar as coisas, né. Os professores têm solução pra mudar as coisas. Eles fizeram coisas pra reciclagem já, colocaram dois lixinhos, um pra coisa orgânica e outro pra coisa recliclada, tipo papel. Aí eu faço a coisa certa, né, coloco papel no lixo certo (ENTREVISTADO 3, 15 anos);
> No laboratório, a gente pesquisou sobre os reinos das plantas, sobre os animais, a gente fez uma maquete. Acho que isso é importante, porque a gente pode tomar uma decisão melhor do que vai fazer no nosso futuro, o que que a gente vai decidir. Sobre o lixo, por exemplo, que a gente tem que separar (ENTREVISTADO 4, 13 anos);

Por meio das entrevistas, os jovens demonstraram que a oficina de biologia é um momento de troca de saberes, de reflexão sobre o ambiente e de criação de alternativas para tornar a vida na terra sustentável. O trabalho realizado pela educadora da oficina de biologia e por todos os outros profissionais envolvidos na ONG Ação Encontro com os jovens possibilitou novas maneiras de pensar, agir e se relacionar no mundo e com o mundo. Por meio do diálogo, os jovens problematizam as questões ambientais e se tornam seres mais humanizados e ecorresponsáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituição.htm. Acesso em: 20 de julho de 2019.

BRASIL. Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm Acesso em: 21 de julho de 2019.

CALLONI, Humberto. Ecologia. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica. 2018. P.157-159.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da terra: Ecopedagogia e educação sustentável. In. **Paulo Freire y la agenda de la educación latinoamericana en el siglo XXI**. Buenos Aires, CLACSO, 2001. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20101010031842/4gadotti.pdf Acesso em: 20 de julho de 2019.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e aprendizagens. In. SOUZA, Eduardo Conegundes (org). **De experiências e aprendizagens: educação não formal, música e cultura popular**, São Carlos: EdUFSCar, 2013. Disponível em: http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2719/1/EM_Conegundes_Experi%C3%AAnciasAprendizagens.pdf Acesso em: 15 de junho de 2019.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. AÇÃO ENCONTRO. **ABEFI**. Novo Hamburgo, 2019.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília , v. 96, n. 244, p. 561-576, Dec. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000300561&lng=en&nrm=iso Acesso em: 27 de junho de 2019.

SILVA, Carlos E. M. Desenvolvimento sustentável. In: CALDART, Roseli Salete et al (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012. p. 204-209.

SILVA, Carlos E. M. Sustentabilidade. In: CALDART, Roseli Salete et al (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012. p. 728-732.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZUCCHETTI, D. T.; MOURA, E. Educação não escolar: gênese de um novo modo de educar. In: XI Seminário Internacional da Rede ESTRADO, 2016, Mexico. **Anais de Eventos**, v. 1. p. 1-15, Mexico: UPN, 2016. Disponível em: http://redeestrado.org/xi_seminario/pdfs/eixo9/143.pdf Acesso em: 28 de junho de 2019.